

GOIÂNIA, NO 'CORÇÃO DO BRASIL' (1937-1945): A CIDADE E A ESCOLA RE INVENTANDO A NAÇÃO

PINTO, Rubia-Mar Nunes
Faculdade de Educação Física
rubia-marp@bol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: CIDADE – ESCOLA – NAÇÃO - REGIÃO

O trabalho trata a história da educação em Goiânia, capital do estado de Goiás/Brasil, em plena Era Vargas, momento em que a cidade foi planejada, construída e celebrada como centro escolar dos sertões do oeste brasileiro. O objeto investigado na tese dá-se a ver já no título do trabalho: as relações e entrecruzamentos entre a cidade e a escola no interior do complexo processo de *invenção* da nação. Tomo como pressuposto a noção de que a construção material e simbólica de Goiânia evidenciou o chamado 'complexo de periferia' dos goianos bem como desencadeou tentativas de inserir Goiás na nação conferindo-lhes relevância entre as unidades federativas brasileiras. Neste sentido, o trabalho demonstra como a nova cidade-capital goiana foi representada, por aqueles que a projetaram e edificaram, como um símbolo da unidade nacional e da modernidade no coração geográfico da nação.

Num quadro nacional, a nova cidade-capital de Goiás participou na década de 1930 de um projeto de integração territorial, econômica e cultural da nação; projeto no qual a conquista dos sertões goianos aparecia, além de incremento da produtividade agro-pastoril-mineradora do estado de Goiás, como plataforma de ocupação produtiva do Mato Grosso e da Amazônia. Atrelados a esta intencionalidade, visava-se também transformar valores, práticas e idéias das populações que habitavam estas regiões. Era a modernidade que se instalava no sertão como um passo decisivo para a unidade nacional, a qual era vista desde o período imperial como essencial no processo de construção da nação. Na Era Vargas e, em especial, no período 1937-1945, a integração, unidade ou incorporação do sertão ao nacional encontraria um momento impar de afirmação e busca de saídas e soluções tornando-se um projeto especialmente caro ao Estado Novo.

Problematiza-se, então, as formas pelos quais o incipiente campo educacional goiano lidou com uma discursividade que celebrava a jovem cidade-capital regional como o ponto final de uma história (regional) de invisibilidade e desconhecimento e como lugar e tempo de uma re invenção histórica. Os goianos tentaram re inventar a nação a partir de seu 'coração' territorial, o que, de fato, tornava centro o que, sociologicamente, era

periferia. O lugar e o tempo: Goiânia, capital do estado de Goiás, entre 1937 e 1945. A experiência na história: o sertão goiano, no 'coração' geográfico do Brasil, se constituindo ironicamente na periferia da nação. A instituição: a escola pública de Goiânia. A problematização: Qual o papel da escola nos projetos para civilizar e modernizar aquele que era representado como 'o mais pobre, o menos educado' entre os filhos do pai Brasil? Como as instituições escolares públicas se inseriram na cena cidadina da jovem capital estadual? Como, em contrapartida, a cidade-capital adentrou os muros escolares no momento mesmo de sua afirmação como centro urbano?

Partindo do pressuposto que a busca de superação da *desimportância* e invisibilidade de Goiás nos quadros da vida nacional (que constituía a *promessa* de Goiânia), estabeleci os seguintes objetivos: 1 - entender as formas através das quais as escolas de Goiânia se posicionaram frente ao dilema nação-região e de que maneiras tentaram contribuir para que uma sociedade tão afastada do litoral se reconhecesse e fosse reconhecida como nação; e 2 - compreender como as culturas escolares da nova cidade-capital de Goiás participaram da construção da cultura urbana de Goiânia.

O objeto de estudo foi abordado sob o enfoque da história social valendo-se de um amplo conjunto de fontes de pesquisa: discursos textuais e imagéticos publicados em jornais e revistas oficiais (*Correio Oficial do Estado de Goiás, Revista Oeste e Revista da Educação do Estado de Goiás*) e não oficiais (*Jornais O Popular e Voz do Povo*); mapas; planos urbanísticos; fotografias aéreas; plantas baixas de prédios escolares; relatos de moradores pioneiros; relatórios oficiais e técnicos além de leis e decretos. A historiografia da educação brasileira e goiana constituiu referencia para pensar a relação entre o escolar e o urbano, o papel da escola na construção da nação e os meandros da história da educação em Goiás. Com suporte teórico das obras de Michel de Certeau, Jacques Le Goff e Roger Chartier, dentre outros, além de trabalhos referidos à Escola Francesa da Análise de Discurso, foram cotejados discursos e práticas no processo de *invenção* de Goiânia para evidenciar o caráter excludente da modernidade da cidade e da escola.

É no interior deste quadro conceitual que se investigou os papéis assumidos pelo campo educacional da cidade-capital goiana no momento do seu aparecimento na história brasileira ressaltando-se as formas pelas quais as escolas da jovem capital goiana reagiram ao dilema nação-região naquele período em que as ânsias desejosas de pertencimento da intelectualidade goiana configuravam, para a cidade, uma simbologia de modernidade, pertencimento e unidade nacional. A idéia básica foi compreender o processo de significação de Goiânia como cidade moderna e símbolo da unidade nacional para, então, encontrar o lugar ocupado pelas escolas como instituições que - tanto por

seu enraizamento na cena urbana goianiense da época quanto pelo papel civilizador atribuído à escolarização no cenário sociocultural brasileiro no início do século XX - participaram da trama de sentidos que significou a cidade.

A abordagem sobre o objeto de estudo permitiu que as escolas goienienses fossem pensadas como instituições que participaram na trama histórico-discursiva que, naquele momento, construía os sentidos de Goiânia como signo da modernidade nos sertões e símbolo da unidade nacional. Tais instituições compartilharam, portanto, os sentidos que estavam sendo tecidos para a nova cidade-capital de Goiás. Inseridas nesta trama, as escolas da jovem cidade-capital estadual compartilharam de uma mentalidade historicamente assentada na sociedade goiana, a qual, conforme Jacques Le Goff (2003: 208), é marcada pela “[...] ausência de um passado conhecido e reconhecido, a míngua de um passado [a qual], pode [...] ser fonte de grandes problemas de mentalidade ou identidade coletivas”.

Desta perspectiva, a construção material e simbólica da nova cidade-capital de Goiás – logo, também de suas escolas - foi tratada como estratégia de reação dos goianos perante a representação de Goiás como sertão. Goiânia simbolizou, naquele momento, a resposta regional frente um passado invisível aos olhos da nação. E, possibilitado pela materialidade da nova cidade-capital, à reação se somou o desejo de construir um futuro no qual Goiás se tornaria uma região reconhecida e respeitada por suas contribuições para a grandeza da nação.

A abordagem e o tratamento dado ao objeto de estudo permitiram, contudo, a compreensão que os sentidos da modernidade e a negação do passado, sozinhos, não dão conta de explicar a construção simbólica da nova cidade-capital de Goiás nas décadas de 1930 e 1940. A singularidade desta construção reside nos sentidos específicos que a instauração da modernidade e a possibilidade de negação da história adquiriram para as elites intelectuais, políticas e econômicas goianas: ao serem apropriadas pelos locais, a promessa da modernidade e a negação da história possibilitaram que a nova capital fosse significada como momento e lugar que oportunizava, à região, a esperança de conquistar o pertencimento e a relevância nacionais.

Concluiu-se que o campo educacional goianiense assimilou características da modernidade pedagógica que empolgava as elites nacionais e adotou premissas e orientações emanadas do centro dinâmico da nação. Porém, o constrangimento pelo lugar de *desimportância* reservado à região no espectro da nação e promessa de modernidade e pertença que permeou a construção da nova cidade-capital goiana

ensejou deslocamentos e apropriações singulares. Tais deslocamentos e apropriações e, em consequência, a multiplicidade de papéis assumidos pelas escolas de Goiânia transformou-as em sujeitos privilegiados da cena urbana no período em questão.

As conclusões também apontam para a adesão das escolas goianienses aos sentidos da cidade construídos pelos intelectuais locais e revelam a intensa participação de professores e estudantes na produção de sua cultura urbana. Destacam-se as práticas festivas, os circuitos esportivos estudantis, os intercâmbios com o meio estudantil nacional e a produção de jornais e revistas escolares como estratégias mobilizadas por tais sujeitos para forjar a modernidade e a civilização na nova capital dos *goyases*. Assim, a cultura urbana de Goiânia sustentou uma discursividade que constituía a nova cidade-capital goiana como: 1) ponto zero da história de Goiás a partir de processos de apagamento e ocultação do passado goiano; e 2) ponto de fusão da nação dilacerada; o lugar e o momento em que a pátria cindida seria unificada; ‘o cadinho onde se unem sertão e litoral’. Daí a idéia de que a construção da cidade-capital que surgia no centro territorial do Brasil operou uma *re invenção* da região e da nação.

A análise evidenciou também que o Estado Novo e seus intelectuais aderiram à simbologia de Goiânia. A conjuntura que permitiu a realização do VIII Congresso Brasileiro de Educação nessa cidade-capital, em 1942, revelou que, por um fugidio momento, no ‘coração do Brasil’, a cidade e a escola re inventaram a nação a partir da região. O papel de Goiás no projeto de integração dos sertões do oeste brasileiro, entretanto, logo foi esquecido e os goianos continuaram como atores secundários na história do país, emergindo esporadicamente, criando ou aproveitando oportunidades que possam projetar a região na nação.

Um diálogo entre Juscelino Kubitschek de Oliveira - então candidato à presidência da República - e um de seus assessores, ocorrido nos anos 1950, é emblemático da permanência do desconhecimento de Goiás e de sua gente bem como da consolidação da imagem do coração. O assessor perguntava a Juscelino: ‘Quero que você me diga uma coisa: *‘O que é um goiano? Você já viu um?’* e, diante da expressão interrogativa do candidato, acrescentava ‘porque você resolveu lançar sua campanha a presidência em Goiás?’. Kubitschek respondeu, então: *‘Porque Goiás é o coração do Brasil!’*

Concluindo, lembro as palavras de Marcos César de Freitas (2000: 58): “O Brasil permanece à espera de quem o conheça de perto”. Como particular desafio - e convite - para os historiadores da educação, da educação física e da dança brasileiros permanece a tarefa de enfrentamento investigativo que contemple o que vejo como uma espécie de núcleo duro da interpretação da nação como dilaceramento: a permanência do sertão ou

do rural como um *outro* distanciado daquele que fala, mesmo quando, ao se falar do chamado Brasil real, este *outro* apareça como nossa mais autêntica brasilidade ou como nosso atraso não superado ou ainda como nosso manancial e fonte inesgotável de purismo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRETAS, G. *História da Instrução Pública em Goiás*. Goiânia/GO: Ed. UFG, 1991 (Coleção Documentos Goianos).
- CARVALHO, E. R. de. *Construções de Goiânia*. In: BOTELHO, T. R. (org.). *Goiânia: cidade pensada*. Goiânia/GO: Ed. UFG, 2002, pp. 153-167.
- CHAUL, N. F. *A construção de Goiânia e a transferência da Capital*. Goiânia/GO: Ed. UFG, 2001.
- CHARTIER, R. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas*. In: *Revistas Estudos Históricos*, número 13, (CPDOC 20 anos). Rio de Janeiro/RJ, 1994.
- DAHER, T. *Goiânia: uma utopia européia no Brasil*. Goiânia/GO: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2003.
- FARIA FILHO, L. M. de. *Cultura escolar e cultura urbana: perspectivas da pesquisa em história da educação*. In: XAVIER, L. N. ...[et al] (orgs.). *Escola, cultura e saberes*. Rio de Janeiro/RJ: Editora FGV, 2005, pp. 29-37.
- FREITAS, M. C. de. *Pensamento social, ciência e imagens do Brasil: tradições revisitadas pelos educadores brasileiros*. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº 15, 2000, pp. 41-61.
- HOBSBAWN, E. & TERENCE, R.. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1984.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 2003.
- MARTINS, T. *Entre a cidade sonhada e a cidade real*. In: LIMA, M. F. L. & MACHADO, L. A. (orgs.). *Formas e tempos da cidade*. Goiânia/GO: Cânone Editorial/Ed. da UCG, 2007, pp. 143-149.
- MELO, O. C. *A Invenção da cidade: leitura e leitores*. Goiânia/GO: Ed. UFG, 2007.
- MELLO, M. M. de. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia/GO: Ed. UFG, 2006.
- NUNES, C. *A escola redescobre a cidade: reinterpretação da modernidade pedagógica no espaço urbano carioca 1910/1935*. Niterói/RJ: UFF, 1993 (Tese de livre docência).
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas/SP: Pontes, 2003, 5a ed.
- PRADO, A. A. *Os conceitos de homem e de educação no período do Estado Novo (1937-1945)*. In: *Revista Educação e Filosofia*, vol. 15, nº 30, jul-dez/2001, pp. 09-22
- _____. *Ruralismo pedagógico no Brasil do Estado Novo*. In: *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, número 04, julho/1995, pp. 5-27.
- SENA, C. S. *Interpretações dualísticas do Brasil*. Goiânia/GO: Editora UFG, 2003.
- VAGO, T. M. (2002). *Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e ginástica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1920)*. Bragança Paulista/SP: EDUSF (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia).
- VEIGA, C. G. *Cidadania e educação nas tramas da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2002 (Coleção Estudos CDAPH Série Historiografia).
- VIDAL E SOUZA, C. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia/GO: Ed. UFG, 1998.

